

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Journal de Brasília Class.: PIX Geral 122

Data: 29.05.84 Pg.: _____

Só Andreazza poderá salvar o Xingu

José Humberto Fagundes

Parque Nacional do Xingu (Mato Grosso) — O passo mais importante foi dado. Pela primeira vez, um índio assumiu a direção do Parque Nacional do Xingu, em solenidade realizada domingo no Posto Diauarum. Mas seu trabalho está ameaçado, pois a verba de Cr\$ 96 milhões recebida este ano pelo Parque já foi totalmente consumida. Resta, porém, ao diretor Megaron, sobrinho do poderoso cacique txukarramãe Raoni, uma esperança: a liberação imediata dos Cr\$ 140 milhões prometidos pelo ministro do Interior, Mário Andreazza.

Para se ter uma idéia da insignificância da verba destinada ao Xingu, é só compará-la com os Cr\$ 700 milhões alocados em 1984 para manutenção do Parque da Cidade, em Brasília, uma área de lazer infinitamente menor do que o território indígena. A incoerência em relação aos recursos financeiros de que o Parque do Xingu necessita para sobreviver salta aos olhos, e pode ser sintetizada em um só exemplo: sua folha de pagamentos (cerca de 40 funcionários) atinge Cr\$ 13 milhões por mês, o que representa Cr\$ 156 milhões por ano. Como cobrir essa folha com uma verba anual de Cr\$ 96 milhões?

Por isso, Megaron pretende iniciar esta semana uma peregrinação pelos gabinetes em Brasília, para tentar sensibilizar as áreas competentes e levantar os recursos para o Parque. Como ele próprio explicava a uma grupo de índios, no domingo à tarde depois de encerradas as festividades, a dificuldade de arrancar dinheiro do governo tem de ser compreendida por todos — ele inclusive mencionou isso em seu discurso de posse. Apesar de preferir a vida da aldeia, onde com um mínimo o índio consegue sobreviver, Megaron sabe que as decisões são tomadas em Brasília onde sua presença é indispensável na hora certa.

Planos simples

Calmo, simples e muito hábil politicamente, Megaron pretende desenvolver no Parque do Xingu um trabalho essencialmente comunitário. Primeiro, vai promover um levantamento "por escrito" da real situação de seus "irmãos", além de um recenseamento minucioso. A idéia é simples. Garantida a posse da terra, é preciso partir para o desenvolvimento econômico. Para isso, ele reunirá dez homens de cada aldeia — ao todo são cerca de 40 — e explicará que, a partir de agora, eles vão plantar "roças grandes". O milho, por

exemplo, tem um bom preço no mercado e a proposta é ampliar as culturas e comercializá-las, deixando de lado o plantio apenas de sobrevivência.

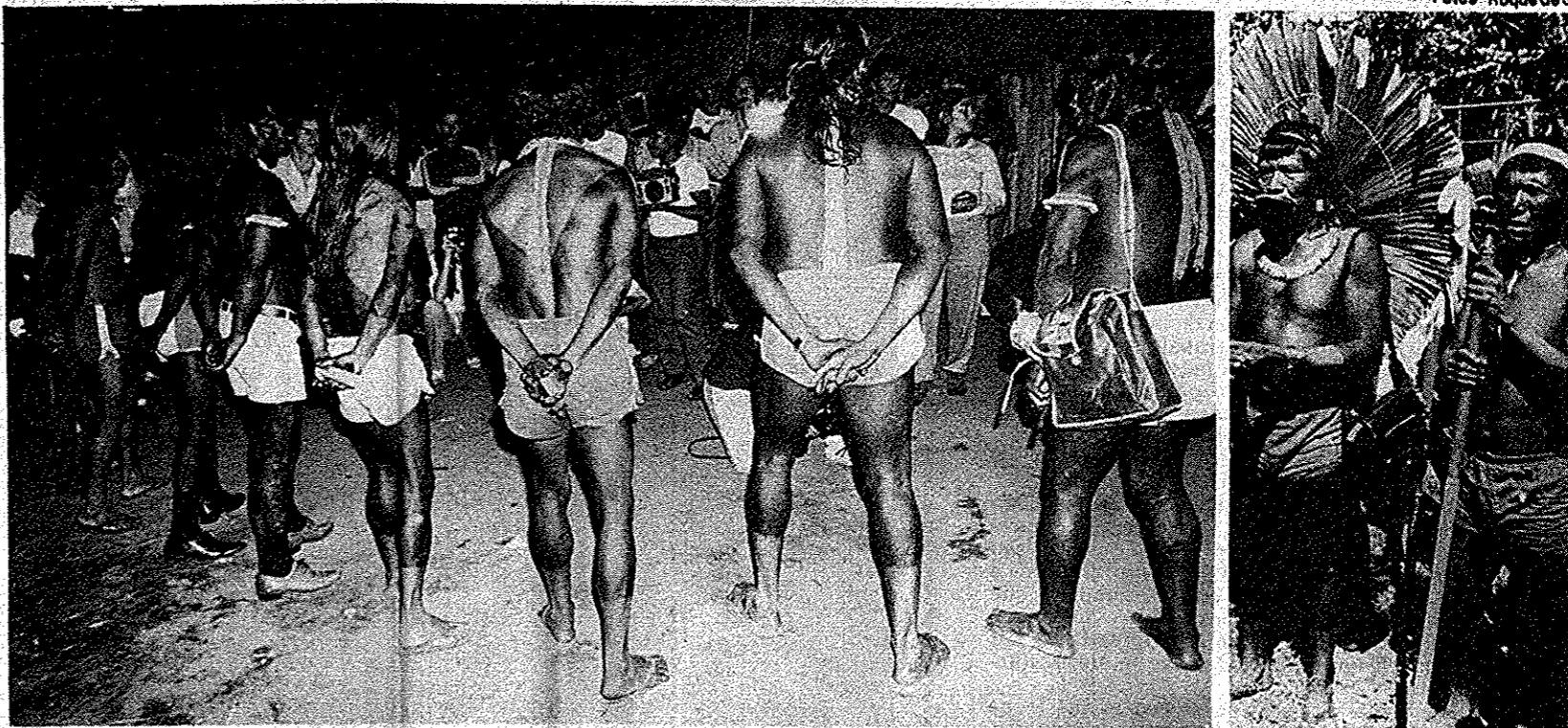
Megaron reconhece que a situação, ainda que precária, dos índios xinguanos é bem melhor do que a de outras tribos pelo Brasil afora. Já de imediato, no entanto, ele terá de coordenar uma grande mudança no Xingu. Vários grupos querem abandonar as aldeias onde moram e se transferir para outros locais, pois a terra já está exaurida e a caça escassa. Soluções simples para problemas antigos estão sendo perseguidas. No Posto Diauarum, por exemplo, uma pequena oficina com um torno evitaria os gastos com o conserto dos motores dos barcos, nunca inferiores a Cr\$ 300 ou Cr\$ 400 mil. A implantação dessas oficinas nos quatro postos existentes no Parque representaria uma sensível economia, para quem cada tostão vale muito.

Lembranças amargas

Megaron conta com total apoio dos índios xinguanos. Eles vieram de todos os cantos do Parque para sua posse e não disfarçavam a alegria de tê-lo como diretor. O cacique Sirawê Kajabi, por exemplo, acredita que essa era a solução que faltava, até gradativamente o índio obter o controle total da Funai. Ele se lembra de quando esteve no Diauarum, em junho do ano passado, para receber o seretanista Cláudio Vilas Boas, que viera tentar liberar um avião retido pelos índios, numa das muitas crises vividas no Xingu. E estabelece um paralelo com a atual situação.

— O Cláudio fez muito mal ao índio. Discutia, xingava e usava nossas mulheres. Agora, com o Megaron, não vamos ter de aguentar mais essas coisas. Foi bom também ter mudado o presidente da Funai. Ele dá mais espaço para o índio e por isso escolheu um diretor que não veio de fora, como o Megaron, que cresceu aqui — argumentou Sirawê.

De acordo com o presidente da Funai, Jurandy Fonseca, a escolha de Megaron atende os anseios da comunidade indígena. Apesar de lembrar que a estrutura administrativa do órgão não vai mudar, ele garantiu que a filosofia de trabalho mudou, e "isso é que é importante". Se depender dele, a comunidade do Xingu não enfrentará mais problemas de terra, pois todos os direitos dos indígenas estão assegurados, e o governo reprimirá qualquer tentativa de invasão por parte do branco.



Felizes com a posse de Megaron, os txukarramãe dançam em homenagem ao diretor do Xingu, sobrinha do cacique Raoni (D)



O toque feminino e o guerreiro está pronto para as comemorações



Todos participam da festa de posse, selada com o aperto de mão entre Megaron e o presidente da Funai, Jurandy Fonseca

Fotos: Roque de Sá